

ALFAGUARA

James Baldwin

Da próxima vez, o fogo



Tradução de Valério Romão

Caro James,

É a quinta vez que começo e que rasgo esta carta. O teu rosto, que é simultaneamente o rosto do teu pai, o meu irmão, não me sai da cabeça. Tal como ele, és coriáceo, sombrio, vulnerável, temperamental — e com uma tendência muito vincada para falares num tom truculento, porque não queres que ninguém pense que és fraco. Nisto talvez saias ao teu avô, não sei, embora fisicamente ninguém possa negar que tu e o teu pai se lhe parecem. Enfim, ele está morto, nunca te conheceu e teve uma vida terrível; muito antes de morrer, já tinha sido derrotado porque acreditava mesmo, no seu íntimo, no que os brancos diziam acerca dele. Esse é um dos motivos por que se tornou tão beato. Estou certo de que o teu pai te terá contado algumas coisas a respeito

de tudo isto. Nem tu nem o teu pai mostram qualquer tendência para a santidade: vocês são de facto de outra era, fazem parte do que aconteceu quando o Negro deixou o campo e se dirigiu para o que o falecido E. Franklin Frazier chamou «as cidades da destruição». Tu só podes ser destruído se acreditares que és mesmo aquilo a que o mundo dos brancos chama «um preto». Digo-te isto porque te amo e, por favor, nunca o esqueças.

Conheço-vos desde que nasceram, tu e o teu pai, andei com ele ao colo e às cavalitas, beijei-o, dei-lhe porrada e assisti aos seus primeiros passos. Não sei se conheces alguém há tanto tempo como eu vos conheço. Quando amas alguém há tanto tempo, primeiro enquanto bebé, depois como criança e finalmente como homem, acabas por ter uma estranha perspectiva do tempo, do sofrimento e do esforço humanos. As pessoas não conseguem ver o que eu vejo quando olho para o rosto do teu pai, porque por detrás do rosto do teu pai no presente estão todos os rostos que foram dele. Quando o teu pai ri, eu vejo uma adega de que ele não se recorda e uma casa de que ele não se recorda e ouço no seu riso de hoje o riso dele de criança. Quando pragueja,

recordo-me de quando caiu na escadaria da adega e dos seus gritos de sofrimento, e recordo-me com pesar das suas lágrimas, que a minha mão ou a da tua avó tão facilmente limpavam. Mas não há mão alguma que possa limpar as lágrimas invisíveis que ele hoje em dia derrama e que transparecem no som do seu riso, na sua conversa e nas suas canções. Eu sei o que o mundo fez ao meu irmão, e sei como ele, por um triz apenas, lhe sobreviveu. E sei, o que é muito mais grave — este é o crime de que acuso o meu país e os meus conterrâneos, o qual nem eu, nem o tempo, nem a história lhes perdoaremos nunca —, que destruíram e destroem centenas de milhares de vidas sem que o saibam ou queiram saber. Pode ser-se — e deve-se, de facto, tentar ser — duro e filosófico face à destruição e à morte, pois é assim que a humanidade melhor tem lidado com ambas desde o seu surgimento. (Uma ressalva: a maior parte da humanidade não é toda a humanidade.) Mas não é admissível que os responsáveis pela destruição sejam, também eles, inocentados. É a inocência, ela própria, que constitui o crime.

Meu caro homónimo, foi por causa destas inocentes e bem-intencionadas pessoas, os teus

compatriotas, que nasceste em condições não muito distantes das descritas por Charles Dickens na Londres de há mais de um século. (Ouço os gritos do coro dos inocentes: «Não! Isso é falso! Que rancoroso és!» Mas eu escrevo esta carta para ti, para tentar explicar-te qual a melhor forma de lidares com eles, pois a maior parte ainda nem sequer sabe que existes. Conheço as condições em que nasceste — eu estava lá. Os teus conterrâneos não estavam lá, e ainda não chegaram lá. A tua avó também estava lá, e nunca ninguém a acusou de ser rancorosa. Sugiro que os inocentes falem com ela. Não é uma mulher difícil de encontrar. Os teus conterrâneos desconhecem igualmente a sua existência, embora ela tenha trabalhado para eles toda a vida.)

Seja como for, tu nasceste e juntaste-te a nós há coisa de quinze anos. E, embora o teu pai, a tua mãe e a tua avó, olhando para as ruas ao longo das quais te transportaram e para as paredes das casas para onde te trouxeram, tivessem todas as razões para estarem apreensivos, não estavam. Pois aqui estavas tu, Big James — deram-te o meu nome, eras um bebé grande, eu não —, aqui estavas tu: para seres amado. Para seres amado sem reservas, agora e para sempre,

de modo que ficasses mais forte face a este mundo tão desprovido de amor. Lembra-te disto: eu sei quão negro tudo isto te parece hoje. Quando te recebemos, as coisas não pareciam melhores e, sim, tremíamos. Ainda não parámos de tremer. Mas, se não nos tivéssemos amado uns aos outros, nenhum de nós teria sobrevivido. E agora és tu que tens de sobreviver, porque te amamos e para o bem dos teus filhos e dos filhos dos teus filhos.

Este país atirou-te para um gueto onde, na verdade, se esperava que acabasses por morrer. Deixa-me ser claro em relação ao que quero dizer com isto, porque é este o cerne da questão e a raiz da minha contenda com este país. Nascestes onde nascestes e foste destinado ao futuro a que foste destinado por seres negro e por nenhuma outra razão. Foram-te assim fixados, e esperava-se que para sempre, os limites da tua ambição. Nascestes numa sociedade que afirmava, das mais diversas formas e com uma esmagadora clareza, o facto de não teres valor enquanto ser humano. Não era esperado de ti que aspirasses à excelência, mas que fizesses as pazes com a mediocridade. Para onde quer que te tenhas virado, James, no pouco tempo que ainda viveste neste

mundo, foi-te dito para onde poderias ir e o que poderias fazer (e como), onde poderias viver e com quem poderias casar-te. Sei que os teus conterrâneos discordam de mim em relação a isto, e até consigo ouvi-los dizer: «Que exagero.» Eles não conhecem o Harlem, eu sim. Tu também o conheces. Não acredites em ninguém — nem em mim —, mas confia na tua experiência. Conhece o sítio de onde vens. Quando sabes de onde vens, não há limites para onde podes ir. Os detalhes e os símbolos da tua vida foram deliberadamente criados para te fazerem crer no que os brancos dizem de ti. Por favor, tenta não te esqueceres de que aquilo em que eles acreditam, assim como aquilo por que te fazem passar, não constitui provas da tua inferioridade, mas antes provas da sua desumanidade e do seu medo. Por favor, tenta discernir, querido James, a despeito dessa tempestade que paira sobre a tua jovem mente, a realidade subjacente às palavras «aceitação» e «integração». Não há qualquer motivo para tentares tornar-te branco e não há qualquer fundamento para a impertinente assunção deles de que têm a obrigação de te aceitar. A terrível verdade, companheiro, é que tu é que tens de os aceitar a eles. E falo

muito a sério em relação a isto. Tens de os aceitar e de os aceitar com amor. Estes inocentes não têm qualquer outra esperança. Na realidade, ainda não se conseguiram libertar de uma história que não compreendem; e, enquanto não a compreenderem, não podem libertar-se dela. Tiveram de acreditar, durante muito tempo e por uma infinidade de razões, que os negros são inferiores aos brancos. Muitos deles, na verdade, sabem que não é de todo assim, mas, como virás a descobrir, as pessoas sentem muita dificuldade em agir de acordo com o que sabem. Agir é comprometer-se, e comprometer-se é pôr-se em perigo. E o perigo na cabeça da maior parte dos americanos brancos é, neste caso, o de perderem a sua identidade. Imagina como te sentirias se acordasses numa destas manhãs e o sol e as estrelas brilhassem com igual intensidade. Decerto que te assustarias, pois não é assim que a natureza funciona. Qualquer modificação radical na ordem do universo é assustadora, porque mina de forma profunda o nosso sentido de realidade. Pois o homem negro tem sido para o homem branco uma estrela fixa, um pilar inamovível; à medida que este se move do seu lugar designado, o céu e a terra estremecem até

às suas fundações. Não tenhas medo. Eu disse que a intenção era a de perceres no teu gueto, perceres por não te ser autorizado ir além do que o homem branco definiu, por não te ser autorizado ser quem quiseses ser. Tu — assim como muitos de nós — fintaste essa imposição. E por causa de uma lei terrível, de um paradoxo terrível, os inocentes que acreditavam garantir a sua segurança aprisionando-te vêem a realidade escapar-lhes. Mas estes homens são teus irmãos — são os teus irmãos mais novos, perdidos. E, se a palavra «integração» quer dizer qualquer coisa, é precisamente isto: nós, com amor, teremos de forçar os nossos irmãos a olharem para si mesmos tal como são, a pararem de fugir da realidade e começarem a mudá-la. Pois esta é a tua casa, meu amigo, não deixes que dela te escorracem. Grandes homens alcançaram aqui grandes coisas e continuarão a alcançar, e podemos fazer da América aquilo em que a América tem de se transformar. Será difícil, James, mas vens de uma linhagem de camponeses robustos, homens que apanharam algodão, que construíram barragens e caminhos-de-ferro e que, a despeito de todas as probabilidades, lograram alcançar uma inatacável e monumental dignidade. Vens de uma longa

linhagem de grandes poetas, alguns dos maiores desde Homero. Um deles cantou: *«No instante exacto em que adivinhava o meu fim / a minha masmorra estremeceu e os meus grilhões caíram ao chão.»*

Tu sabes e eu sei que este país celebra cem anos de liberdade com cem anos de avanço. Não podemos ser livres enquanto eles não o forem. Deus te abençoe, James, e te proteja nesta viagem.

O teu tio,
James

AOS PÉS DA CRUZ

Carta de uma região
da minha mente

Tomai o fardo do homem branco —
Não vos atreveis a vos humilhades por menos —
Nem clameis demasiado alto pela Liberdade
Para disfarçar o vosso desgaste;
Por tudo quanto chorardes ou sussurrardes,
Por tudo quando deixardes de fazer ou fizerdes,
O povo silente e taciturno
Sopesará os vossos deuses e vós.

KIPLING

Aos pés da cruz onde o meu Salvador morreu,
Ali onde para me lavar dos meus pecados chorei,
Foi ali que ao meu coração o sangue chegou
Cantando a glória do Seu nome!

HINO

Passei por uma longa crise religiosa no Verão em que fiz catorze anos. Emprego este termo no seu sentido comum e arbitrário, querendo com isto dizer que naquele Verão descobri Deus, os Seus santos e anjos, e o Seu inferno flamejante. Tendo nascido num país cristão, aceitei Deus como a única Divindade. Achava que Deus só existia dentro de uma igreja — na verdade, da nossa igreja — e achava que Deus e segurança eram sinónimos. A palavra «segurança» acerca-nos do verdadeiro sentido da palavra «religioso», tal como a usamos. Por conseguinte, para recorrer a uma formulação mais clara, tive aos catorze anos, pela primeira vez, medo, medo do mal que existia dentro de mim e medo do mal que existia lá fora. O que via à minha volta naquele Verão em Harlem era o que sempre tinha visto; nada tinha mudado. Mas naquele momento, e sem qualquer


pré-aviso, as putas e os chulos e os rufias da Avenida tornaram-se uma ameaça pessoal. Nunca antes me ocorrera que pudesse tornar-me um deles, mas agora percebia que éramos produto das mesmas circunstâncias. Muitos dos meus amigos estavam claramente encaminhados para lá, e o meu pai dizia-me que também eu seguia nessa direcção. Os meus amigos começaram a beber e a fumar, e descobriram — um entusiasmo logo substituído por um ranger de dentes — os prazeres da carne. Miúdas apenas ligeiramente mais velhas que eu, miúdas que cantavam no coro ou que davam catequese aos domingos, filhas de pais muito beatos, passavam mesmo à minha frente por uma incrível metamorfose de que o aspecto mais desconcertante não era o despontar dos seus seios ou o arredondar dos seus traseiros, mas uma coisa mais profunda e mais subtil nos seus olhos, no calor e no cheiro que emanavam, na inflexão das suas vozes. Tal como os desconhecidos da Avenida, elas tornaram-se, num piscar de olhos, completamente diferentes e incrivelmente presentes. O desconforto profundo que isto causou em mim — resultante da educação que recebi —, aliado ao facto de não ter ideia do que iria acontecer à minha voz, à minha mente

ou ao meu corpo, fez com que me visse como uma das criaturas mais depravadas do mundo. O facto de estas raparigas muito devotas tirarem, pelos vistos, prazer dos meus deslizes terríveis, das nossas sinistras e tormentosas experiências, tão geladas e desprovidas de alegria como as estepes russas e ao mesmo tempo muito mais quentes do que todos os fogos do inferno, não ajudava nada.

O que me assustava era, no entanto, algo mais profundo e mais difícil de definir do que estas mudanças. Via-se nos rapazes e nas raparigas, mas, por qualquer motivo, notava-se mais nos rapazes. No caso das raparigas, era possível assistir à sua transformação em matronas, antes mesmo de se tornarem mulheres. Começavam a manifestar uma curiosa e perturbadora teimosia. É difícil explicar exactamente de que forma é que isto transparecia: qualquer coisa implacável no formato dos lábios, qualquer coisa longínqua no olhar (e viam o quê, nessa lonjura?), qualquer coisa nova e determinada no seu andar, qualquer coisa peremptória na voz. Deixaram de nos provocar a nós, aos rapazes. Censuravam-nos duramente, dizendo: «Fazias melhor se pensasses na tua alma!» Porque as raparigas também

viam claramente o que se passava na Avenida, sabiam que bastava um pequeno passo em falso para irem lá parar, sabiam que precisavam de ser protegidas e sabiam que nós, os rapazes, éramos os únicos capazes de oferecer alguma protecção. Elas percebiam que tinham de agir como chamarizes para Deus, salvando assim as almas dos rapazes para Jesus Cristo e unindo os seus corpos aos deles pelo matrimónio. O fogo começava a tomar conta de nós, e «era melhor», como disse São Paulo — que, noutra escrito, com uma precisão tão admirável como inusual, se descreveu a si próprio como «um homem desgraçado» —, «casar do que arder». E comecei a sentir nos rapazes um desespero circunspecto, desconcertado, como se se preparassem para o longo e duro Inverno da vida. Na altura, eu não sabia a que reagia; convenci-me de que eles estavam a deixar-se ir. Do mesmo modo que às raparigas estava reservado o destino de engordarem tanto quanto as suas mães, os rapazes, isso era certo, não lograriam chegar mais longe na vida do que os seus pais. A escola começou a revelar-se como o jogo viciado que era, e os rapazes começaram a abandonar a escola para irem trabalhar. O meu pai queria que eu fizesse o mesmo.

Recusei, embora não alimentasse já qualquer ilusão acerca das vantagens da educação; conhecera demasiados licenciados a trabalhar nas obras. Os meus amigos andavam agora na «Baixa», ocupados, como gostavam de dizer, a «enfrentar o homem». Começaram a preocupar-se menos com a aparência, com o que vestiam, com as coisas que faziam. Dava com eles aos dois, aos três e aos quatro à entrada dos prédios, partilhando um jarro de vinho ou uma garrafa de *whisky* enquanto falavam, praguejavam, se engalfinhavam e às vezes choravam, perdidos e incapazes de dizer o que os oprimia, mesmo tendo a certeza de que era «o homem» — o homem branco. E não parecia haver forma de dissipar essa nuvem que se interpunha entre eles e o sol, entre eles e o amor, a vida e o poder, entre eles e qualquer que fosse o objecto dos seus desejos. Não era preciso ser muito esperto para perceber que pouco podíamos fazer para mudar a situação em que nos encontrávamos; não tínhamos de ser extremamente sensíveis para acabarmos desgastados pela humilhação incessante e gratuita, e pelo perigo com que nos deparávamos o dia todo e todos os dias. A humilhação não se limitava aos trabalhadores ou aos dias de trabalho.



Voz incontornável da literatura norte-americana do século XX, James Baldwin escreve, neste livro, a sua carta ao mundo: um manifesto apaixonado e apaixonante contra todo o tipo de discriminação.

«Deus mostrou a Noé o sinal do arco-íris, não mais haverá água, da próxima vez, o fogo!»

Este livro galvanizou toda uma nação quando foi publicado pela primeira vez, em 1963. Foi um dos primeiros a dar voz à luta do Movimento dos Direitos Civis. Composto por dois textos intensamente pessoais — «A minha masmorra estremeceu», uma carta ao seu sobrinho, escrita no centenário da abolição da escravatura nos Estados Unidos, e «Aos pés da cruz», ensaio sobre a relação entre raça e religião —, *Da próxima vez, o fogo* revela-nos a vida singular de James Baldwin, politicamente comprometida e interiormente conturbada. Ao mesmo tempo que nos dá conta do que foi crescer no bairro nova-iorquino do Harlem, faz uma condenação sem reservas do terrível legado da discriminação racial na sociedade americana. Enquanto reflete sobre os dilemas da espiritualidade à luz da religião e da sexualidade, lança um olhar provocatório sobre as contradições políticas que condenam os negros à invisibilidade ou à violência, desferindo um ataque direto, mas pacificador, à hipocrisia que reside no coração do país da liberdade.

Depois dos romances *O quarto de Giovanni*, *Se esta rua falasse* e *Se o disseses na montanha*, eis um dos testemunhos mais inspiradores de sempre sobre as profundas raízes dos conflitos raciais na América, e sobre a procura íntima de um lugar para si no mundo. Um clássico da literatura, disponível pela primeira vez em Portugal.



**«Prédica, ultimato, confissão, depoimento, testamento e relato [...].
Tudo isto na prosa cáustica e brilhante que James Baldwin nos
oferece, seja qual for o género em que escreve.»**

The New York Times Book Review

**«Estas palavras são tão eloquentes no seu fervor e tão incendiárias
na sua honestidade, que conseguem inquietar todos os leitores.»**

The Atlantic



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alfaguaraeditora
penguinlivros

ISBN 9789897841866



9 789897 841866 >